

João Pessoa - Número Quatro - Agosto de 2002

O trem: uma discussão sobre tempo e memória

Lúcia Falcão

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História
Universidade Federal de Pernambuco

Talvez você não acredite na história que vou lhe contar. De fato, parece ter o toque do inverossímil. Resta-me apenas confirmar-lhe que ela aconteceu tal qual vou narrar aqui. Ou melhor, narro-a com todas as parcialidades de minha memória; de tanto remoê-la e repassá-la para mim mesma, já não tenho mais tanta certeza da ordem dos fatos, das sensações que hoje parecem-me tão indiscutivelmente certas. Mas, mesmo com todas as imperfeições que assumo com plena e total responsabilidade, faço questão de apresentar a você a minha narrativa. Trata-se de um acontecimento bizarro. Ou melhor, de um fato comum, prenhe das trivialidades cotidianas, mas também dos seus acasos. E é o desenvolvimento bisonho de um simples acaso cotidiano que me permito narrar aqui.

Estava eu fazendo um inocente curso de extensão oferecido pela Fundação Joaquim Nabuco, situada no Derby, bairro ruidoso da cidade do Recife. Ou melhor, nem tão inocente assim: era um curso sobre Gilberto Freyre, ministrado pela Fundação Gilberto Freyre, que se negava a falar de sua vida após a década de 50. De qualquer forma, um curso interessante para alguém das áreas de ciências humanas e sociais que pretendia voltar qual filha pródiga à pós-graduação de História após ter flertado com a Antropologia. Foi um curso, em suma, que durou um mês, com aula durante todas as tardes. Alguns dias, durava manhã e tarde. Numa dessas jornadas diárias almocei por lá por perto e fiquei sozinha para fazer hora até o turno da tarde ter início. Era uma longa hora de espera solitária até a chegada do palestrante. Sem contar com os possíveis e costumeiros atrasos.

Aproveitei para subir até o andar superior da Fundação Joaquim Nabuco onde anos antes eu havia feito um curso de teatro do qual tinha boas lembranças. Eis o trecho do meu diário no qual escrevo uma parte da minha experiência (trecho este que mandei em correspondência a um grande amigo. Só escusei-me de contar-lhe a parte mais problemática do diário por medo de ser considerada louca. Este amigo é um psiquiatra e certamente não conseguiria acreditar em minha experiência, pois parte da premissa do comportamento comum formador da realidade para referendar seus juízos de valor...):

"Do almoço, voltei sozinha para Fundação e tive que esperar a hora da próxima palestra. Aproveitei o vazio da Fundaj e subi as escadas até o andar em que fiz o meu curso de teatro! O corredor estava completamente deserto. Acho que este é um andar que só vive à noite quando ocorrem os cursos de teatro, dança, ioga, tai-chi. A sala Mirante do Capibaribe estava trancada à chave... uma pena! Entrei no banheiro! E vi o espelho!!! Uau, durante todo um ano de aulas diárias de teatro eu me olhei neste mesmo espelho com diversos personagens! Me vi pintada de palhaça para o texto de Artaud! Com as roupas de menina trágica de Tisbe! Perséfone! Íxion! Náufraga! O Velho do conto de Fernando Pessoa!... Fiquei rindo e divagando... lembrei de Bachelard dizendo do 'espaço alveolar' que guarda o tempo... não acho que os objetos 'guardem' propriamente o tempo, mas o

*'refletem' como o espelho! Pus minha mão espalmada no espelho antes de vir-me embora: o calor fez uma aura em volta dela. Tirei a mão espalmada e a aura foi sumindo aos poucos... olhei para ausência de imagens e refiz a cena na memória. Espalmei novamente as duas mãos. O efeito 'aura' já não foi tão perfeito. Uau, sem eu perceber, havia passado quase uma hora ali! Estava quase atrasada para o curso!... Sim, bem sei que você responderá 'É bonita esta imagem do objeto que reflete o tempo mas, além do efeito literário, o que você quer dizer com isso?' Não sei bem ainda. Acho que é apenas uma intuição. Às vezes sinto que meu raciocínio não tem ossos; é leve como um punhado de penas e eu preciso de um tubo de cola **araldite** para dar-lhe um corpo, ainda que leve. Sopros de adejos. Mas voltemos ao objeto que reflete. Neste caso específico, o espelho serviu-me como referencial de memória, porque ele esteve presente no cenário de vivências marcantes para mim. Quando eu o vi, no presente, minha memória foi evocada. O objeto evocou a minha memória. Mas a minha vivência deu-lhe um sentido. Sujeito e objeto formaram juntos o fenômeno: memória. Assim como o calor de minhas mãos no frio do espelho formou o efeito aura."*

O que nunca tive coragem de contar ao meu amigo psiquiatra é o material hoje desta narrativa. Não sei se naquele momento dormi. Afinal, uma hora solitária após um bom almoço num local silencioso e cheio de boas lembranças pode ser considerado um *locus* propício ao relaxamento de tensões, divagações e suas conseqüências mais imediatas: o cochilo. E, para tanto, havia e há um grande e aconchegante balcão logo abaixo do supracitado espelho. O fato é que, sonho, alucinação ou realidade, algo assombroso aconteceu. De repente o espelho tornou-se turvo. Até hoje não compreendo se turvas eram as imagens dentro do espelho ou se ele próprio turvava-se diante de mim. Sei apenas que aquele fenômeno deixou-me um tanto zozna; um zumbido tomou conta de meus sentidos e acho que por instinto fechei meus olhos para abri-los logo em seguida na ânsia de encontrar novamente o meu referencial de realidade. E lá estava eu dentro daquele trem.

O som contínuo do seu mecanismo sobre os trilhos embalava a visão de um belo pôr de sol. As imagens dançavam diante do meu olhar sonolento e eu procurei concentrar-me à minha volta. Pareceu-me então um vagão curto. Não que fosse apertado ou desconfortável. Era apenas um curto vagão. Olhei novamente para fora. Este sempre foi para mim o momento mais belo do dia. A hora das fadas. Faerie. A iluminação incide sobre as coisas, sobre o mundo e seus seres múltiplos e todos recendem cores. Mágico e breve pôr do sol. É o momento propício para ver o seu movimento descendente. Lá estava o grande biscoito amanteigado boiando no céu¹, pronto para ser vorazmente engolido pela terra mais uma vez... Olhei-o, olhei-o e mais que o olhava: ele não se mexia! Um sentimento aterrorizante de desconhecimento profundo começou a tomar conta de mim. *'O que está acontecendo por aqui?'* Levantei-me bruscamente de minha cadeira e comecei a procurar pelos outros passageiros daquele trem do qual não me recordava sequer de onde o havia pego ou de saber qual o seu destino. Iria de fato a algum lugar? Parecia estar viajando há horas rumo a um estático pôr do sol com passageiros silenciosos. Fora do tempo e do espaço, suspensos como o sol que não seguia o seu caminho. Distantes de todo possível reconhecimento. Talvez estivéssemos mesmo fora da cidade.

Enfim deparei-me com seres viventes. Eles certamente poderiam explicar-me alguma coisa ou ao menos compartilhar da minha angústia e incompreensão. Um homem e seu cão² estavam na cadeira anterior à minha. O homem, em aparente solilóquio, repetia ao vidro da janela:

- *"Como podemos explicar a mente como matéria, quando conhecemos a matéria apenas através da mente? Quando imaginávamos que pensávamos matéria, estávamos apenas pensando o sujeito que percebe a matéria; e o materialista é*

como o Barão de Munchausen que, andando a cavalo, elevou ao ar o bucéfalo com suas pernas e a si mesmo pelo rabicho. O materialismo rude que nega a força vital e antes de tudo tenta explicar os fenômenos da vida como vindos de forças físicas e químicas e essas por sua vez como vindas dos efeitos mecânicos da matéria"... (Durant, s.d.: 35-38)

- "Senhor, senhor..." – eu repeti – "perdoe-me interrompê-lo, mas eu preciso de uma explicação, de um esclarecimento!" Ele ainda mais fixo olhou o vidro da sua janela. Para aumentar a minha surpresa e desconforto, foi o poodle ao seu lado que olhou para mim e disse: "Você não vê que o meu senhor está sofrendo? Ele é uma vítima universal do embate entre a VONTADE, que a tudo e a todos nós arrasta, inclusive a mim, e a sua especificidade de agente do conhecimento puro!"

Ignorar todas as esquisitices, pensei. O que tenho de fazer é apenas ignorar os acontecimentos mais bizarros, criar uma ordem de classificação dos problemas e resolver tudo por partes, do mais simples ao mais complexo, apenas isso. Vamos, Lúcia – disse-me – você vai conseguir!

- "Meu senhor, o sol lá fora não se move! Eu preciso saber o que está havendo aqui!" Apurei os ouvidos; em seu contínuo solilóquio, o homem dizia:

- "Nunca podemos chegar à verdadeira natureza das coisas pelo lado de fora. Por mais que investiguemos, nunca poderemos alcançar nada a não ser imagens e nomes. O mundo é uma representação minha. Ficamos como um homem que anda à volta de um castelo, procurando em vão pela entrada, fazendo até esboços da fachada... Ingressemos no interior. Se pudermos esquadrihar a natureza última de nossas próprias mentes, talvez consigamos a chave do mundo exterior..." (Durant, s.d.: 35-39)

Respirei fundo. Se o mundo fosse apenas a minha representação, eu devia estar febril. Calma – disse a mim mesma. Não é hora para piadinhas desesperadas. Estaria eu imaginando tudo aquilo? Ou criando esta representação? Mas, se eu a estou criando, então eu certamente deveria ser capaz de descrevê-la... *Des-fiat lux*, seria a minha palavra mágica. No caso dele estar certo, então o mundo neste momento é uma representação que me envolve como uma segunda natureza, da qual eu não consigo me libertar? Por que eu não seria capaz de me livrar de minha própria criação? Seria eu um Deus maneta?. CALMAAAA! – gritei alto para mim mesma. Talvez isso seja apenas um jogo, pense Lúcia, PENSE! O mundo como representação... isto cheira à posição Kantiana do mundo enquanto vontade e representação; segundo Kant, o mundo externo nos é conhecido através de nossas sensações e idéias. Por sua vez, a preocupação de descobrir a essência da realidade é um enigma metafísico... só que devemos descobrir a essência da matéria do seu exterior para a sua essência...

- "O senhor está propondo o caminho inverso do problema metafísico? Analisarmos as nossas mentes, como o senhor disse, o pensamento ou conhecimento, para alcançarmos a compreensão da matéria que seria a realidade? O interior seria o pensamento e o exterior seria a realidade, é isso?"

A sua postura começava a me irritar: ele continuava sem olhar para mim. Fingindo, ou imaginando ou representando que me ignorava! Mas, apesar de aparentemente conversar com o vidro da janela, que lhe fazia às vezes de espelho³, ele respondeu, ou assim imagino, à minha pergunta:

- "Existe um erro radical: os filósofos colocaram a essência da mente no pensamento e na consciência – o homem era o animal rationale, o animal que tinha conhecimentos. Mas a consciência é a mera superfície de nossa mente, da qual,

como da terra, não conhecemos o interior mas apenas a crosta. Sob o intelecto consciente está a vontade consciente ou inconsciente, uma atividade espontânea, uma fonte de desejo imperioso. Pode, às vezes, parecer que o intelecto dirige a vontade, mas apenas como um guia dirige o seu amo; a vontade é o cego robusto que carrega em seus ombros o coxo que vê. O homem é um animal metafísico; os outros animais desejam sem metafísica. Não queremos uma coisa porque encontramos razões para isso; encontramos razões para isso porque a queremos. A memória, nesse sentido, é serva da vontade” (Durant, s.d.: 41-42).

Uau, pensei, a consciência como superfície da mente? Isso parece tão freudiano! Mas o que raios é esta VONTADE? E ele ainda por cima falou da **memória**! Será que este é o motivo de eu ter vindo parar aqui? Fui arrastada irresistivelmente pelos fundamentos filosóficos da minha inocente discussão com o espelho? Enquanto minha mente trabalhava à todo vapor – sei lá eu sobre quais trilhos - ele fez uma pequena pausa, como que para observar o efeito de suas palavras em seu espelho, mas logo em seguida continuou:

- “Observem como durante muito tempo nós nos recordamos de nossas vitórias e como depressa nos esquecemos de nossas derrotas. A memória é serva da vontade. – repetiu enfatizando a palavra vontade, desta vez – O intelecto é meramente o Ministro das Relações Exteriores; a natureza o produziu para prestar serviço à vontade individual. A vontade é o único elemento permanente e imutável na mente; é a vontade que, através da continuidade de objetivo, dá unidade à consciência e mantém ligadas todas as suas idéias e pensamentos, acompanhado-os como uma harmonia contínua. Até mesmo o corpo é produto da vontade. O sangue, impelido por aquela vontade a que vagamente chamamos vida, constrói seus próprios vasos imprimindo sulcos no corpo do embrião; a vontade de saber forma o cérebro, exatamente como a vontade de agarrar forma a mão ou como a vontade de comer desenvolve o tubo digestivo.” (Durant, s.d.: 43-45)

- “Então, para o senhor, é a vontade - e não a mente ou o conhecimento - que é a tal essência da vida; essência de todas as coisas inclusive das matérias inanimadas... é simplesmente a causa universal de todas as coisas... O que é então esta vontade ou o que produz esta vontade?”

Ele se limitou a responder:

*- “A força que atrai o apaixonado e a força que atrai o planeta são uma só. Aristóteles estava certo; há uma força no interior que modela todas as formas, nas plantas e planetas, nos animais e nos homens. A vontade, **evidentemente**, é a vontade de viver e uma vontade de viver ao máximo.” (Durant, s.d.: 49-50)*

- “Claro, isso é exemplarmente evidente.” - eu falei, contendo a minha cólera - “Mas, diga-me um coisa, por obséquio, se tudo é fruto dessa vontade metafísica, até mesmo a memória, o que é a história? Existe história?”

*- “O espaço e o tempo são o véu de Maya – a ilusão escondendo a unidade das coisas. Na realidade, existe apenas a espécie, apenas a vida, apenas a vontade. Nós devemos ver na mudança constante da matéria a permanência fixa da forma. A divisa da história deveria ser: **Eadem sed aliter**. Quanto mais as coisas mudam, mais permanecem as mesmas. O verdadeiro símbolo da Natureza é o círculo, porque ele é o esquema ou sinal da recorrência. Gosto de acreditar que a história é uma preparação hesitante e imperfeita para era extraordinária da qual somos o expoente. Essa noção de progresso é apenas uma vaidade e uma loucura...” (Durant, s.d.: 55-56)*

Enquanto ele falava, eu pensei com meus botões... Mas então se o homem e todas

as coisas são frutos da vontade onde é que entra a importância da representação? O que tem a representação a ver com tudo isso? A vontade não é superior à mente?... Ele continuou:

- "E o homem é ao mesmo tempo o esforço impetuoso da **vontade** (cujo foco está no sistema reprodutor) e o agente eterno, livre e sereno do conhecimento puro (cujo foco é o cérebro). O intelecto é o freio da vontade. A filosofia purifica a vontade mas deve ser tomada como experiência e pensamento, não como mera leitura e estudo passivo. O labor científico é inferior à imediatez genial da intuição artística. Veja a música! Ela fala algo mais sutil que o intelecto. Pois o intelectual divide tudo, enquanto a intuição une tudo." (Durant, s.d.: 78-90)

De repente, todos nós nos calamos. Apenas o barulho do trem rodando nos trilhos nos envolvia os pensamentos. Saindo do seu longo silêncio canino, o *poodle* disse:

- "Você certamente compreenderia melhor se tomasse seus cabelos. Meu dono faz isso regularmente." ⁴

- "Hum... faz isso consigo, você quer dizer?" – respondi vagamente. "Obrigada pela dica." – E, comigo, pensei que os animais têm mesmo uma percepção muito curiosa do mundo ao seu redor... Resolvi averiguar os outros passageiros, se é que os havia. Caso ninguém consiga me explicar o que é que estou fazendo aqui, qual o sentido de tudo isto, para onde nós vamos ou de onde viemos, posso ainda, como última tentativa, perguntar ao *poodle* se ele conhece uma gata que atende pelo nome de Dináh⁵. Não custa nada tentar, nesta altura dos acontecimentos. "Meu reino por um sentido, qualquer que seja!" – bradei à meia voz! Neste momento, um senhor de aparência mais delicada que o outro, como que atendendo ao meu pedido, começou o seu diálogo comigo de forma entusiasmada:

- "A história tem um sentido, sim! Não se desespere, ouça-me! Ela não é a seqüência caótica dos acontecimentos! A História, como o Universo Material, é racional. A aparente desordem do movimento dos planetas é regrada, não é? Pois também o é, a História; apesar da aparência de extrema complexidade e do extremo emaranhado dos acontecimentos, ela é como a realização de um plano! Da mesma forma que os planetas não têm consciência das leis que os regulam, tanto os indivíduos que perseguem os seus objetivos particulares e quanto aqueles que representam um papel histórico não têm consciência do fim aonde a história os conduz." (Hegel, 1997: 215)

Nesse momento eu me espantei:

- "Ei, que história é essa de indivíduo-com-objetivo-particular e indivíduo-que-representa-um-papel-histórico? O senhor está criando uma hierarquia? E está afirmando que a História conduz o Homem também como uma segunda Natureza! Assim como a Vontade daquele senhor que fala com a janela!"

- "A História que tem um sentido é Universal; e este sentido é o ato pelo qual o ESPÍRITO (pelo qual o homem é homem) chega progressivamente ao conhecimento de si. A História Universal é a representação do espírito no seu esforço para adquirir o saber do que ele é; assim como o germe carrega em si a natureza inteira da árvore, o gosto, a forma dos frutos, do mesmo modo, os primeiros traços do espírito já contém também virtualmente toda a História." (Hegel, 1997: 217-218)

- "Ah, tá bom! Então a História é um germe no ESPÍRITO do homem. E certamente existem espíritos mais polinizados do que outros..." – e, comigo, pensei: eu devo estar mesmo precisando de uma tesoura...

O senhor não pareceu se aborrecer com a minha interrupção. Apenas seguiu seu raciocínio:

- *"A História Universal é o progresso na consciência da liberdade, progresso do qual temos que reconhecer a necessidade. Ela é a representação do processo humano de consciência de si. Os grandes homens da história – os heróis – são aqueles cujos fins particulares encerram o fator substancial que é a vontade do gênio universal. Porque o espírito que vai mais adiante é a alma interior de todos os indivíduos, a interioridade inconsciente que os grandes homens tornam consciente. É por isso que os outros seguem esses condutores de almas, porque experimentam o poder irresistível de seu próprio espírito interior que vem ao seu encontro. Indivíduos históricos que têm como vocação ser procuradores do gênio do Universo."* (Hegel, 1997: 221)

Perdi inexplicavelmente a vontade de espicaça-lo. Não apenas por não concordar com a idéia da uma História-dos-Grandes-Homens como Condutores-de-Almas... mas principalmente porque teria que lhe falar dos heróis midiáticos de nossa época... como poderia descrever-lhe Madona? O meio de comunicação de massa, a TV Globo como condutora de almas! O abstrato Mercado! Apenas agradei a sua paciência e retirei-me rapidamente dali. Afastei-me do meu pessimista-da-vontade e do meu otimista-do-espírito. Já meio acabrunhada, apenas percebi de esguelha aquele ser que, de pé, agarrado ao encosto da cadeira anterior, falava não apenas para mim mas como que para todo o trem:

- *"Escutem, todos vocês, a produção das idéias, das representações e da consciência está primeiro direta e intimamente misturada à atividade material e ao comércio natural dos homens; ela é a linguagem da vida real. São os homens que são produtores de suas representações, de suas idéias... Mas os homens reais, atuantes, tais como são condicionados por um desenvolvimento determinado de suas forças positivas e das relações que lhes correspondem, inclusive as formas mais amplas que estas podem assumir. A consciência não pode nunca ser outra coisa senão o ser consciente e o ser dos homens é o seu processo de vida real. E mesmo as fantasmagorias no cérebro humano são sublimações resultantes necessariamente do processo de sua vida material que se pode constatar empiricamente e que repousa em bases materiais... Dessa forma perdem toda a aparência de autonomia a moral, a religião, a metafísica e todo o resto da ideologia assim como as formas de consciência que lhes correspondem. Não tem história, não tem desenvolvimento; são, ao contrário, os homens que, desenvolvendo sua produção material e suas relações materiais, transformam, com esta realidade que lhes é própria, seus pensamentos e os produtos dos seus pensamentos. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência."* (Marx, 1997: 253-254)

Então, para este senhor, a consciência é uma aparência – ou, talvez fosse mais preciso dizer, uma determinação - da realidade. E a *realidade mesma* pode ser apreendida se procurarmos os mecanismos das produções das idéias ou da(s) consciência(s) inscritos na base material. Uau, dessa forma nós quebramos a dicotomia MATÉRIA X ESSÊNCIA, REALIDADE X IDÉIA... Lembro-me de uma passagem linda da Montanha Mágica, de Mann, onde ele afirma, quando se pergunta o que é a vida, que ela: *"Não era nem matéria nem espírito. Era qualquer coisa entre os dois, um fenômeno sustentado pela matéria, tal e qual o arco-íris sobre a queda d'água, e igual a chama."* Linda, linda esta imagem! Já a li há tanto tempo e nunca esqueci. Voltando a discussão do senhor que acabara de falar: dessa forma, a produção de conhecimento é entrelaçada no complexo das relações sociais. Mas é uma discussão diferente da idéia de representação pois, para ele, existe uma *realidade mesma* e o seu falseamento pela... consciência! A metafísica, a moral, a religião... Hum... isso cria uma hierarquia do mais verdadeiro ao menos

verdadeiro; e o mais verdadeiro deverá ser validado por alguma coisa... pelo quê? Qual a correlação de forças que fará com que uma produção de consciência seja instituída como a mais verdadeira? E quantas outras falsas ela deverá silenciar? Mas este ato instituidor não poderá gerar um falseamento?...

Se a consciência deve ser tomada pelas bases materiais, então a realidade – que tem bases materiais – não deveria ser considerada como *realidade mesma!* Porque, se as bases materiais mudam, o mesmo acontece com a verdade que ela produz. Mas, esperem aí, eu estou sendo injusta! A realidade para o senhor-de-pé é histórica. Logo, a verdade para ele também é histórica...

- "Senhor, se o senhor considera que há uma base material que forma a consciência, e que essa base material é histórica e por isso se transforma; e que várias consciências podem ser formadas a partir dessa base material (religião, metafísica, etc. e as consciências que lhe correspondem); por que apenas **uma** consciência seria verdadeira e não mais de uma?"

- "Existem fases históricas em que um determinado grupo social está mais apto e qualificado a interpretar e transformar a realidade. A consciência é histórica. (Neste sentido, ela é progressiva, isto é, a consciência atual é mais complexa e engloba as consciências anteriores – o julgamento é do mais complexo para o menos complexo; ou seja, julgamos o passado pelo presente.) Por exemplo, houve um tempo em que a burguesia revolucionária esteve mais qualificada a interpretar e agir de forma transformadora sobre o seu momento histórico. Agora nós temos o proletariado..."⁶

Hum... Isso me lembra a idéia do "agente histórico" heróico do outro senhor; embora aquele primeiro fosse um agente do ESPÍRITO UNIVERSAL. Hum... Carr, um marxista, para criticar os relativistas, diria que várias pessoas poderiam olhar uma montanha e descrevê-la de acordo com o seu ângulo de visão, o que resultaria em descrições diferentes; mas que isso não significaria dizer que a montanha não fosse uma só... A minha questão permanece: um índio olhará a montanha e a descreverá de acordo com as suas ditas bases materiais – que não são a montanha, obviamente, mas que comportam a sua relação com ela – onde podemos incluir a sua cultura. Nós (considerando aqui este nós com uma suposta homogeneidade da civilização ocidental) a descreveríamos de outra forma. Como mediríamos o grau de falseamento de cada descrição? Teríamos que partir de um ponto de origem qualquer que não fosse apenas a montanha mas a produção do conhecimento acerca da montanha. Exercite, Lúcia, exercite a sua mente!... Na produção de conhecimento, as culturas constroem uma relação de causa e efeito entre os acontecimentos, entre as relações pessoais e as relações com o mundo ao seu redor. Poderíamos comparar essas construções de correspondência entre causa e efeito... mas em termos de quê? De eficácia? Mas qual eficácia? Material, simbólica, social, cultural, cognitiva?... Ou então deveríamos considerar que a eficácia é um valor universal e unívoco? A-histórico! Ai, meu cérebro está dando um nó górdio!... Talvez o senhor-de-pé não tenha se preocupado com a aplicação de sua teoria – no que diz respeito à produção da ideologia - entre culturas distintas, mas apenas entre as classes sociais da *civilização ocidental*. Ou os índios seriam, na sua concepção, nós ontem?...

Será que podemos considerar a relação de causa e efeito ocidental a mais perfeita e modelar de todas? Será que nosso sistema classificatório é homogêneo? E, assim sendo, deve ser considerado como o único a dar conta verdadeiramente da *realidade*? Estava eu ainda me debatendo com as colocações do senhor-de-pé e quase tropeço, sem perceber, num conjunto de caixas de vários tamanhos e cores diferentes espalhadas no chão do fundo do vagão. Como não as havia notado antes? Eu adoro caixinhas! Sentei-me no chão, satisfeita com este intervalo lúdico,

junto com o rapaz que as manuseava. Ele imediatamente me inquiriu, como se já me esperasse:

- *"Proponha uma forma de classificação para este conjunto de caixas!"*²

Olhei para elas e disse:

- *"São dez caixas ao todo, um número perfeito para os pitagóricos. Posso dividi-las em pequenas, médias e grandes. Ou entre as caixas de cores quentes e cores frias. Ou tomar como ponto de partida a sua capacidade utilitária e dividi-las entre as que servem de enfeite e as de uso prático. Posso relacioná-las também com o tipo de material com que foram confeccionadas: as de qualidade superior, que resistirão melhor aos efeitos do tempo, e as de qualidade inferior. Posso passar um dia inteiro observando as minúcias do seu exterior para descrevê-las de forma pormenorizada, como o senhor Palomar⁸. São vários os sistemas classificatórios que posso propor a você" – disse-o – "Embora eu suponha-os verdadeiramente finitos."*

Ele olhava-me nos olhos, silencioso, aguardando a construção da minha proposição.

- *"Isso é tudo?"* - ele perguntou.

- *"Não, não é tudo! Mas é um bom número de sistemas de classificação!"* – respondi meio ofendida, sentindo uma sensação desagradável pela sua contestação pouco elogiosa de minha construção intelectual.

- *"Veja" – disse ele – "este é o problema das formas de classificação clássicas: elas tomam como ponto de observação a exterioridade! A individualidade das coisas e dos seres nos escapa todas as vezes que não nos é materialmente útil perceber. Fazemos uma diferença entre a lebre e o carneiro; mas distinguimos uma lebre de outra lebre, um carneiro de outro carneiro? Os objetos foram classificados em vista do partido que tiramos deles. E é esta classificação que percebemos. Nós não vemos as coisas mesmas, limitamo-nos comumente a ler as etiquetas coladas sobre elas. Esta tendência, nascida da necessidade, é ainda acentuada sob a influência da linguagem, porque os termos – à exceção dos nomes próprios – designam gêneros. Os termos notam das coisas a sua função mais comum e seu aspecto banal; o termo insinua-se entre as coisas e nós, disfarçando a forma aos nossos olhos; a forma já dissimulada atrás das necessidades que criaram o próprio termo. Até os estados de alma se ocultam! Só percebemos de nosso estado de alma o seu desdobramento exterior; só percebemos o aspecto impessoal de nossos sentimentos – aquele que a linguagem pode notar porque é o mesmo e se apresenta nas mesmas condições para todos os homens."* (Bergson, apud Pentead Neto, 1988:167)

- *"Então como o senhor sugere que eu classifique estas caixas já que afirma que a forma clássica de classificação, que eu utilizei, não apreende a sua interioridade? Devo abri-las e olhá-las pelo seu interior? Mas a forma que eu propus já não dá conta das nossas necessidades? Não é uma forma eficaz? Qual o sentido classificatório de olhá-las por dentro? Em que ele contribui?"*

- *"A arte poderia ir além das generalidades convencionalmente e socialmente aceitas, enfim, tudo o que esconde a realidade, para nos colocar face a face com a realidade mesma. A realidade autêntica e profunda... A imaginação poética não pode ser senão uma visão mais completa da realidade!"* (Bergson, apud Pentead Neto, 1988:168)

Uau, lá estamos nós novamente com a tal *realidade mesma*. Mas o que a fundamenta, neste caso em particular? A *realidade mesma* seria a realidade sem

palavras, sem linguagem... logo, sem cultura, a natureza em seu esplendor! Não, não pode ser isto; afinal, a arte também é um tipo de linguagem. Ele está afirmando que a arte alcança um tipo melhor de visão da realidade, mais particular, menos generalizante. Hum... perguntei-lhe:

- *"Se a linguagem - e a nossa relação com as coisas interiores e exteriores mediadas pela linguagem - não nos permite ter um acesso ao que você chama de 'realidade em si', o que você me diz da ciência ou mais precisamente da ciência histórica? Da produção do discurso histórico e o seu tratamento do passado?"*

- *"Você quer falar da conservação do passado! Então falemos da memória! A memória tem duas funções distintas: a função de conservação das lembranças e a função de evocação das lembranças. A idéia de uma faculdade de conservar o passado envolve a idéia de que o passado pode não ser conservado, de que uma parte não é retida por nenhuma memória. A memória não é uma faculdade de classificar lembranças numa gaveta ou de inscrevê-las num registro. Não há registro, nem gaveta, não há sequer uma faculdade, propriamente dita. O que se deve explicar não é a conservação das lembranças, é o seu esquecimento. O mecanismo cerebral é precisamente feito para recalcar a sua totalidade no inconsciente e para só introduzir na consciência o que é de natureza a esclarecer a situação presente, a ajudar a ação que se prepara, a dar enfim um trabalho útil. Sem dúvida, só pensamos com uma pequena parte do nosso passado. E da sobrevivência do passado resulta a impossibilidade para uma consciência de atravessar duas vezes o mesmo estado; pois as circunstâncias podem ser as mesmas, mas não é mais sobre as mesmas pessoas que agem, posto que a tomam num novo momento de sua história. É por isso que nossa duração é irreversível! Não podemos reviver uma parcela dela porque seria preciso apagar a lembrança de tudo o que se seguiu!"* (Bergson, 1997: 280-281)

Hum... o rapaz-das-caixas enfatiza, em seu discurso, a memória; certamente, para ele, a ciência histórica estaria ligada ao que ele chama de classificação generalizante... Sentei pensativa num braço de cadeira enquanto observava sem ânsias classificatórias o seu movimento de abrir caixa por caixa. Não sei em que momento desviei o olhar, à esmo, sem qualquer intencionalidade de achar alguma coisa, quando me deparei com um par de olhos que, de tão profundos, assustaram-me a ponto de me fazer cair do meu braço de cadeira⁹. Ops – gritei, enquanto me refazia. Seus olhos não se desviaram. Ele perguntou – "Lu?"¹⁰ Bati em minhas roupas num movimento automático de retirar a possível poeira do chão e logo em seguida estendi-lhe minha mão: "Lúcia. O meu nome é Lúcia. O senhor me conhece? Qual o seu nome?" Não sei se por ter feito perguntas de mais ao mesmo tempo ou se por ter demonstrado ansiedade diante de sua presença, mas o fato é que ele baixou o rosto por alguns instantes não antes de eu ter-lhe pressentido alguma decepção nos olhos agora omissos e ausentes. Depois de um certo tempo, ele disse:

- *"Nas menores como nas maiores felicidades é sempre o mesmo aquilo que faz da felicidade a felicidade: o poder esquecer ou, dito de forma mais erudita, a faculdade de, enquanto dura a felicidade, sentir-se a-historicamente."* (Nietzsche, 1974: 66)

- *"Perdoe-me, senhor?"*

- *"Eu não pude deixar de ouvir a sua preocupação sobre a discussão de história e memória. E digo-lhe que um homem que não possui a força de esquecer, que esteja condenado a ver por toda a parte um vir-a-ser, tal homem não acredita mais em seu próprio ser, não acredita mais em si, vê tudo desmanchar-se em pontos móveis e se perde nesse rio do vir-a-ser; seria como o bom discípulo de Heráclito: mal ousaria levantar o dedo. Um homem que queira sentir apenas historicamente é*

semelhante àquele que se força a abster-se de dormir, ou ao animal que tem de sobreviver apenas da ruminção e ruminção sempre repetida. Há um grau de insônia, de ruminção, de sentido histórico, no qual o vivente chega a sofrer dano e por fim se arruina, seja ele um homem ou um povo ou uma civilização." (Nietzsche, 1974: 66)

- "O senhor quer dizer que o nosso discurso histórico tem um efeito perverso?"

- "Se você perguntar às pessoas se elas aceitariam viver novamente os últimos 20 anos, certamente obterá um não como resposta, mas por motivos diferentes. Os **homens históricos** dirão que não querem reviver os 20 anos passados porque acham que os próximos 20 anos vão ser melhores. O olhar ao passado os impele ao futuro. Esses homens históricos acreditam que o sentido da existência, no decorrer do seu processo, virá cada vez mais à luz; eles só olham para trás para, na consideração do processo até agora, entenderem o presente e aprenderem a desejar com mais veemência o futuro. Não sabem quão a-historicamente, a despeito de toda a sua história, eles pensam e agem. Já os **homens supra-históricos**, também não vão querer reviver os últimos 20 anos, mas com outra fundamentação. O **homem supra-histórico** não vê a salvação no processo. Para ele, o mundo em cada instante singular está pronto e alcançou o seu termo. O que poderiam ensinar 10 novos anos que os 10 anos passados não foram capazes de ensinar? O passado e o presente, para ele, são o mesmo, ou seja, em toda a diversidade, são tipicamente iguais e, como onipresença de tipos imperecíveis, uma formação estável de valor inalterado e significação eternamente igual." (Nietzsche, 1974: 66-67)

- "Bom, o senhor falou até agora do que **não deve** ser o discurso histórico... mas então o que **deve** ser?"

- "Devemos aprender cada vez melhor precisamente isso: a cultivar história em função dos fins da **vida**! A história pensada como ciência pura e tomada soberana seria uma espécie de encerramento e balanço da vida para a humanidade. A **cultura histórica**, pelo contrário, só é algo salutar e que promete futuro em decorrência de um poderoso e novo fluxo de vida. A história, na medida que está a **serviço da vida**, está a serviço de uma potência a-histórica e, por isso, nunca, nessa subordinação, poderá e deverá tornar-se ciência pura, como, digamos, a matemática! Enquanto a **história monumental** sempre aproximará, universalizará e, por fim, igualará o desigual, sempre depreciando a diferença dos motivos e das ocasiões, para, à custa das causas, monumentalizar os effectus, ou seja apresentá-los como modelares e dignos de imitação (em harmonia com o lema que a história escolheu – FIAT VERITAS, PEREAT VITA - haja verdade, pereça a vida), a **história com forma artística** pode conservar os instintos ou mesmo despertá-los." (Nietzsche, 1974: 68-70)

Nossa! Minha mente estava fervilhando! A história transformada em forma artística! Deixando de ser ciência pura e tornando-se *cultura histórica*... Tinha muita coisa a perguntar-lhe. Estava pensando na elaboração das perguntas quando senti um forte cheiro de defumação! – "Estão defumando este trem?" – perguntei ao léu enquanto levantava a vista por sobre as poltronas. E foi quando vi o homem com um enorme charuto. Me assustei profundamente! Só podia ser o **controleur!** ¹¹ E eu não tinha pago a minha passagem! Na ânsia de me esconder e arranjar um jeito de sair das suas vistas, acabei, não sei bem como, me deparando com o meu espelho!

Sim, sei que você pode não acreditar... mas conto-lhe assim mesmo: eu estava novamente diante do meu espelho, no banheiro da Fundaj. O eterno retorno, pensei. Aqui estou eu novamente... mas não é como um círculo e sim como uma

espiral. No primeiro momento de minha aventura olhei para ele e descrevi o meu passado a partir das lembranças dos meus personagens. E eis que fui parar no trem. Não agora, obviamente. Não de novo. Encontrei, no trem, ou dentro do meu espelho, aqueles personagens. E qual a influência deles na discussão histórica?...

Os produtores do discurso histórico, a partir dessas perspectivas, entraram no campo da subjetividade, entraram em choque com a verdade científica universal ou, seria melhor dizer, universalizante. Com isso, surgem as críticas às noções historicistas de progresso, fato, classe dominante... **Hyden White** percebe, no século XIX, uma mudança na forma de pré-figurar o mundo, uma mudança no olhar para as categorias estruturadoras do mundo como o tempo, o espaço, a relação entre sujeito e objeto¹²... Do campo da arte vem o primeiro padrão de conhecimento contra o positivismo, um conhecimento que problematiza o positivismo. A história, para servir à vida, deve assumir a forma de arte, não de ciência. O eterno retorno não é a repetição do passado, é a sua recriação! O historiador não deve mais repetir o passado, mas repô-lo diferencialmente!

Na produção do(s) discurso(s) histórico(s), no século XX, nós podemos perceber: A) um outro "encontro" com o passado que faz aflorar as **experiências** e leva o historiador para o terreno da **descrição densa**, como o diria **Clifford Geertz**, como a descrição de **Walter Benjamin** da sua Infância Berlinesa. B) uma problematização do fato histórico; segundo **Foucault**, as duas grandes ilusões dos historiadores são: o **objetivismo** – em que o objeto é dado em si mesmo (**Rank**); e o **subjetivismo**, em que o objeto é construído pelo sujeito (Dilthey). A crítica de Foucault é a de que o sujeito também é resultado do processo de conhecimento, ele não é, portanto, a-histórico. Nesse sentido, todo objeto é uma construção **histórica** e emerge como fato **histórico**. A partir desta perspectiva nós podemos nos perguntar: "Por que alguns fatos emergem e outros não em diferentes épocas históricas?", "Por que eles surgem enquanto problema?" Podemos, dessa forma, problematizar a própria **materialização** da memória: a eleição de alguns temas e fatos históricos como constituintes da memória de uma determinada sociedade em uma determinada época em detrimento do que foi silenciado.

Paul Valéry, poeta e ensaísta, diria que o passado é **mental**, ou seja, ele é baseado em crenças e imagens. Dessa forma, o que dá sentido à história é o presente. O **fato** não é importante **em si mesmo**; a importância é definida pela relação com o presente; há uma dotação de significado a partir do presente. Os fragmentos encontrados do passado – documentos, objetos, a cadeira do rei, indícios - não falam por si. Os historiadores deverão "ficcionalizar" as ligações entre eles. Há uma ênfase na produção do discurso histórico enquanto uma **representação** que não **refaz** o passado, mas o **re-apresenta** numa determinada perspectiva.

Nós poderíamos novamente nos perguntar "**Mas quem valida a verdade histórica?**"... Apenas o consenso dos pares historiadores? **Guattari** diria que o paradigma ético-estético na relação com o outro. Mas... Ops, minha vista começou a turvar mais uma vez!...

Bibliografia

- BERGSON, Henri. *A evolução criadora*. In: **Os filósofos através dos textos, de Platão a Sartre**. São Paulo: Paulus, 1997.
- CALVINO, Ítalo. **Palomar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- DURANT, Will. **A filosofia de Schopenhauer**. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d. (Col. "Os grandes filósofos").
- FOUCAULT, Michel. **Nietzsche, Freud e Marx: theatrum philosophicum**. São Paulo: Parma, 1987.
- HEGEL, Georg W. F. *Lições sobre a filosofia da história*. In: **Os filósofos através dos textos, de Platão a Sartre**. São Paulo: Paulus, 1997.

- MARX, Karl. *A ideologia alemã*. In: **Os filósofos através dos textos, de Platão a Sartre**. São Paulo: Paulus, 1997.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Da utilidade e desvantagem da história para vida*. In: **Obras incompletas**. São Paulo: Abril Cultural, 1974 (Col. "Os Pensadores").
- PENTEADO NETO, Onofre. **Vida, valor e arte I**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/ Perspectiva, 1988.
- VALÉRY, Paul. **Variedades culturais**. São Paulo: Iluminuras, 1991-1992.
- WHITE, Hyden. **Meta-História: a imaginação histórica do século XIX**. São Paulo: Edusp, 1995.

Notas

1) Gaston Bachelard, na **Poética do espaço**, utiliza esta metáfora do sol como um biscoito amanteigado boiando no céu.

2) Refiro-me a Schopenhauer. Existe uma imagem *real* deste filósofo com seu cão *poodle* cinza.

3) Faço uma brincadeira com a idéia de espelho mágico de Schopenhauer; segundo ele: "*o gênio coloca diante de nós o espelho mágico no qual, tudo aquilo o que é essencial e significativo, surge sob a mais clara das luzes e o que é acidental e adventício é deixado de lado*". (O segredo do gênio estaria na percepção imparcial do essencial e do universal). E o seu solilóquio, neste texto, também é uma brincadeira com a sua idéia de que os homens de gênio não precisam tanto de companhia como as pessoas que vivem em dependência do que está fora delas) (Durant, s.d.: 84-85).

4) Esta é uma contra-piada à máxima de Schopenhauer de que "*as mulheres são seres de cabelos longos e idéias curtas*".

5) Menção à gata de **Alice no País das Maravilhas**, de Lewis Carrol.

6) Esta é uma tentativa de imaginar Marx respondendo à minha questão, baseando-me nas leituras do seu pensamento. Ou seja, não é uma citação literal, mas uma utilização "livre" de sua filosofia.

7) Este *rapaz-das-caixas* representa Bergson.

8) Palomar é o personagem de um livro de Ítalo Calvino, de mesmo nome, que vive à procura de classificar os objetos ao seu redor.

9) Refiro-me a Nietzsche.

10) Fiz referência, através de um jogo de sons, a Lou Salomé.

11) Refiro-me a Freud.

12) Hyden White, em **Meta-História**, alude ao século XIX como a idade de ouro da história (1995: 15) e faz, neste livro, uma história da consciência histórica na Europa do século XIX: "*Que significa pensar historicamente e quais são as características inconfundíveis de um método especificamente histórico de investigação: essas questões foram debatidas durante todo o século XIX por historiadores, filósofos e teóricos sociais, mas habitualmente dentro do contexto da suposição de que era possível lhes dar respostas inequívocas. (...) No século XX, porém, as considerações em torno dessas questões se processam numa atmosfera um pouco menos autoconfiante e em presença de um receio de que talvez não haja possibilidade de lhes dar respostas definitivas. Pensadores da Europa Continental – de Valéry e Heidegger a Sartre, Lévi-Strauss e Michel Foucault – expressaram sérias dúvidas sobre o valor de uma consciência especificamente histórica, sublinharam o caráter fictício das reconstruções históricas e contestaram as pretensões da história a um lugar entre as ciências*" (1995: 17).